O som do silêncio

Carlos Barros de Araújo

Na semana passada fomos todos surpreendidos com a partida precoce de Jacques Vielliard, professor e pesquisador que faz parte da história da ornitologia brasileira e da Unicamp: o pai da Bioacústica no Brasil. Tive o imenso prazer de conviver com ele. Este texto é, em parte, uma despedida que faço tentando contar um pouco de sua história e da experiência em tê-lo como orientador.

Carlos Barros de Araújo, biólogo, foi aluno de Jacques Vielliard no Instituto de Biologia da Unicamp (IB)

Músico, e ainda aluno de graduação em biologia, descobri a Bioacústica, área da biologia que estuda a utilização de sons na comunicação animal. Em Brasília, não tinha com quem conversar sobre o assunto, mas lia artigos e buscava me inteirar sobre o tema. Não foi difícil descobrir que existia um grupo trabalhando há anos, sob a coordenação de um francês, o professor Jacques Vielliard, na Universidade Estadual de Campinas. Seu nome era o mais frequente ao pesquisar a palavra Bioacústica em sites de busca. Foi assim que encontrei o Jacques pela primeira vez, no Google.

Muitos não sabem que sua formação era em Ecologia, área em que fez o mestrado e o doutorado. Ou que teve importantes publicações sobre a Teoria de Nicho com pouco mais de 20 anos de idade. Tinha, no entanto, uma longa trajetória com a Bioacústica. A partir de expedições realizadas na África, fez seu primeiro guia sonoro, que contemplava a África do Norte e Ocidental. Em 1973, com menos de 30 anos, viria para o Brasil a convite da Academia Brasileira de Ciências. Com o apoio da ABC organizou, ainda neste ano, a primeira das diversas expedições que faria no Brasil. Foi acompanhado pelos ornitólogos Helmut Sick e Augusto Ruschi, além do botânico Dárdano de Andrade-Lima. Ali, iniciava-se o trabalho de sua vida, seu grande esforço em coletar, metodicamente, os cantos das aves brasileiras. Em 1978, recebe o convite de Zeferino Vaz para construir, na recém-criada Unicamp, o Laboratório de Bioacústica, onde atuaria até a última semana. Executou a tarefa tão exemplarmente que hoje o Arquivo Sonoro Neotropical é o quinto maior do mundo e o maior da região neotropical.

Recém-chegado a Campinas para o mestrado, sob a coorientação do professor Jacques, logo fiz sua disciplina. Um curso estimulante, no qual eram abordadas as bases teóricas da Bioacústica, desde a física do som, até a teoria da informação de Shannon, passando pela diversidade de sons na natureza e pela forma correta de se gravar animais. Explicava, citando Hercules Florence, que as espécies tinham um canto próprio, um canto específico, e essas características poderiam levar à descoberta de aves desconhecidas. Foi com o auxílio de registros sonoros que ele descreveu duas novas espécies de aves, o Caburé-da-Amazônia *Glaucidium hardyi* (1989) e o Graveteiro-do-Cipó *Asthenes luizae* (1990), apresentadas aos alunos no decorrer do curso. As aulas eram muito bem ilustradas, utilizando o acervo do ASN (Arquivo Sonoro Neotropical), e me lembro de ter ficado maravilhado com sua gravação do Sabiá-poliglota (*Turdus lawrencei*), uma ave que não tem um canto próprio, e que imita o canto de outras. Na gravação que nos mostrou, registrou a imitação de 60 diferentes espécies de aves pelo poliglota. Logo notei que o professor Jacques não trabalhava somente com aves, uma vez que, nesse curso, apresentou alguns de seus trabalhos com sapos, mamíferos aquáticos e terrestres.

Fotos: Antoninho Perri

O professor Jacques Vielliard, que faleceu em Belém aos 66 anos na semana passada, ao lado de acervo digitalizado, no Instituto de Biologia: trabalho pioneiro

Como orientador, ele sempre foi muito exigente. Falava o que pensava e sem rodeios. Era muito direto. Se, por um lado, isso poderia em princípio assustar, por outro, era ótimo. Sempre claro e preciso em suas orientações, com uma única frase me fazia trabalhar por mais uma semana. Ao final, quando terminava, via a diferença que suas críticas faziam no desenvolvimento do trabalho. Sempre que lhe enviava um texto, por mais minucioso que eu tentasse ser, voltava com algum rabisco, uma ideia que me passou, algo que poderia ser melhorado. Ele era meticuloso no que fazia e raramente cometia erros. Com o tempo, fiquei eu mais meticuloso, tentando me safar das críticas que certamente viriam e aprendendo assim a forma correta de se fazer ciência: direta e precisamente.

Sobre o último relatório que o enviei, em abril, com os dados de meu doutorado, o simples "Me parece que está bem, mas coloque a curva de valores ideais no gráfico", me levaria a mais de uma semana de trabalho. Novamente, melhoraria bastante as análises. Apresentei esses resultados no Encontro da Sociedade Americana de Comportamento, no início do mês, e meu último e-mail para ele dizia que a apresentação havia sido boa, melhor que a do IBAC em Portugal, onde ele presenciara meu nervosismo. Ele me respondeu afirmando que a experiência é fundamental e que nos encontraríamos logo mais no Congresso Internacional de Ornitologia, a ser realizado em Campos do Jordão. Nessa conversa decidiríamos meu próximo roteiro de pesquisa, uma vez que planejava seguir seus passos nas expedições que realizara pelo extremo norte do Cerrado, nos estados do Piauí e Maranhão, Bahia e Tocantins. O objetivo da expedição seria gravar papagaios, buscando o entendimento da variação geográfica dos seus cantos.

O professor Jacques sabia exatamente onde eu poderia encontrar o que eu precisava, ele havia estado lá! Aliás, havia estado em muitos lugares. Certa vez fui à sua casa para que assinasse um papel e fiquei curioso com um mapa-múndi que vi pendurado na parede de seu escritório. No mapa estavam espetadas várias tachinhas coloridas. Intrigado, perguntei se já havia estado em todos aqueles lugares. Respondeu-me que aqueles eram, em realidade, "somente" os lugares em que havia feito pesquisa. O mapa, espetado como um porco espinho, mostrava nuvens de tachas que vinham da Europa e se estendiam a Oeste pela Ásia oriental, até China e Japão. A África e a América estavam completamente espetadas. Apareciam ainda pontos na Oceania e até no Havaí. Fiquei pensando na quantidade de tempo que passou em campo para poder espetar todos aqueles lugares.

O professor Jacques ainda estava muito ativo e possuía diversos projetos fascinantes em andamento. Talvez o mais importante deles seja o trabalho de digitalização de seu acervo, no qual vinha trabalhando há mais de cinco anos. O projeto é ambicioso, uma vez que a coleção do ASN é enorme e o trabalho deve ser feito com extremo cuidado. Estimava a existência de 30 mil gravações em seu acervo, muitas delas ainda não editadas. De acordo com o projeto, todas as informações relativas às gravações serão inseridas em uma base de dados, criada por Robson Rodrigues, seu aluno de mestrado. Outros alunos seus participaram deste longo projeto. Marcio Avelino iniciou e montou todo o sistema de digitalização, eu mesmo tive o prazer de colaborar no início de meu doutorado e, mais recentemente, Milena Corbo, a quem o professor carinhosamente se referiria como sua assistente e braço direito, era quem tocava a empreitada desde o início de 2008.

Sua ideia era que todo o acervo pudesse, por meio da internet, ser acessado por pesquisadores do mundo inteiro, seja para obter gravações de sua coleção, seja para tombar seus próprios arquivos, provenientes dos mais diversos locais. Uma cópia desses dados seria mantida nos *bunkers* da British Library, *onde sobreviveriam a uma guerra nuclear*, como gostava ele próprio de dizer. Devido a sua envergadura, o projeto deve ainda seguir por alguns anos. Fiquei contente ao saber que o professor João Vasconcelos, chefe do Departamento de Biologia Animal, pretende manter essa linha, trazida pelo professor Jacques ao Brasil. Espero que o trabalho de digitalização continue para que o professor Jacques possa ser eternizado em suas gravações, que levaram uma vida inteira para serem obtidas. O acervo do ASN é muito valioso e somente a continuidade do trabalho de digitalização garante sua preservação. Felizmente, acredito que o Departamento de Biologia Animal reconhece a importância do acervo do ASN e desta tarefa.

Ano passado, durante o IBAC, em Lisboa, me disse que estava finalmente escrevendo seu livro de Bioacústica. Fiquei animado. Afinal, lembrava-me da dificuldade que tive, no início dos anos 2000, em obter informações sobre o tema. Estariam, enfim, essas informações condensadas em um livro realizado a partir de cantos gravados no Brasil, e por um dos maiores estudiosos da área no mundo. Estava ainda envolvido em um convênio na Universidade Federal do Pará (UFPA), onde colaborava na criação do ASA (Arquivo Sonoro da Amazônia), região onde ainda havia uma lacuna em sua coleção. Lá, havia construído uma base de campo, onde tocava projetos nacionais e internacionais, em convênio com instituições da Alemanha, França e Inglaterra. Estava ainda envolvido na construção de um barco-laboratório, onde poderia basear suas saídas de campo pelos rios amazônicos, obtendo os dados que lhe faltavam para uma amostragem completa dos cantos das aves brasileiras, seu maior objetivo.

Agora, fica o som do silêncio, o vazio. Além de seu grande legado, o professor Jacques Marie Edme Vielliard nos deixa projetos por fazer e perguntas sem resposta. Ele criou as bases para estudos desse tipo no Brasil e cabe a nós não apenas a conservação de seu legado, mas a grande responsabilidade de dar uma resposta para suas perguntas.